

# O eu-narrador como enunciado aberto

## Suas conseqüências num romance de Augusto Abelaira

MARIA APARECIDA RIBEIRO  
Profª de Literatura Portuguesa da UERJ

*O meu diário é uma brincadeira, não o escrevo na minha primeira pessoa, mas na primeira pessoa dos outros. Por exemplo, na tua.<sup>1</sup>  
Quem era o X? Tu? O Humberto? um sonho?<sup>2</sup>*

### 1 – O PONTO DE VISTA DA NARRATIVA

Toda narrativa pressupõe uma perspectiva que relativiza o mundo em função do narrador: é o ponto de vista de quem se coloca fora do que narra (externo-narrativa em 3ª pessoa) ou nele se insere (interno-narrativa em 1ª pessoa) e que vem interessando a inúmeros teóricos da literatura: Butor, Michel Raimond, Nathalie Sarraute, Wayne C. Booth para citarmos alguns deles.

A perspectiva, um dos recursos para a conquista da realidade sensível, desconhecida na Idade Média quando o homem tinha uma posição fixa no mundo, característica das épocas em que se acentua a emancipação do homem (vejam-se a época sofista e o renascimento), sofre distorções e falsificações na época moderna (observem-se, como exemplo, o expressionismo e o surrealismo). Dessa forma, no romance, hoje, desaparece a perspectiva única e central. O ponto de vista se torna circulante e, com isso, some também a ilusão de tempo: o tempo cronológico, linear, horizontal, cede lugar à fusão passado-presente-futuro, à dimensão vertical do tempo. Dissolvem-se, ainda, a causalidade, o enredo, a personalidade. Assim é o romance **Bolor**, cujo eu-narrador será objeto de estudo nosso, em moldes matemáticos, como o sugere seu próprio autor Augusto Abelaira.

### 2 – A EQUAÇÃO EU-NARRADOR

Quem lê o **Bolor** logo se defronta com um problema: apesar de escrito na 1ª pessoa, há uma mistura de discursos. Quem escreve, então? Humberto?

Maria dos Remédios? O narrador é um ou são vários? Michel Butor ao tratar do ponto de vista da narrativa, em seu **Repertoire II**, já afirma que o nós é anterior ao eu.<sup>1</sup> Mas o “nós, mesmo um pequeno nós, é diferente . . .”<sup>2</sup> Aí a problemática de **Bolor**: descobrir quem faz parte do eu que somos nós: “Nós = Eu + X. Substituindo: Nós – Eu = X. Quem era o X?”<sup>3</sup> Por isso o eu-narrador se fragmenta e nele há uma comutação: ora narra o Humberto, ora a Maria dos Remédios mascarada de Humberto, ora o Humberto mascarado de Maria dos Remédios ou de Aleixo, conforme se instaure a falta no eu-narrador, pois é impossível assumir uma primeira pessoa única: “Agora, porém, desejaria conjugar-me na minha primeira pessoa e não na tua, desejo recuperar-me, ser eu, independentemente daquilo que tu és – e a caneta emperra, já não sei escrever.”<sup>4</sup> Assim, ora quem narra é eu, ora eu na pessoa que representa a falta (v. 2.2).

Chamemos EU ao eu-narrador, que equivaleria ao Nós colocado no diário, e a eu + x, sua composição. Representemos EU por E e eu por e. Equacionando teremos:  $E = e + x$ . Resta-nos agora saber qual o valor ou os valores de x no romance analisado.

### 2.1 – os valores de x

O complemento do eu, a falta, se instaura no **Bolor** logo nas primeiras páginas (considerando-se aqui, a ordem em que aparecem e não aquela em que foram escritas): . . . “com os meus amigos e com o meu trabalho sou (descubro hoje) perfeitamente feliz: acho-me inteiramente satisfeito depois de uma hora de conversa com o Aleixo, o Guilherme, o Guedes, o Rui . . .”<sup>5</sup> Os amigos dão a Humberto parte do que lhe falta: a conversa a respeito do mundo em torno,<sup>6</sup> da política. Aleixo e Humberto completam a falta-música de Maria dos Remédios: o primeiro lhe pergunta por ela<sup>7</sup>; o segundo é o seu álibi por não se ter tornado cantora<sup>8</sup>. Guilherme significa para Maria dos Remédios os livros, os jornais<sup>9</sup>, a sensação de risco<sup>10</sup>.

Assim:  $x_{MR}$ ,  $x_H$ ,  $x_A$  ou  $x_G$ , fazendo da equação eu-narrador um enunciado matemático aberto onde o valor de x pode ser escrito de várias formas.

### 2.2 – a procura de x

A busca de x vai acarretar a tentativa de identidade. Podemos dizer que x existe quando há uma interseção de eus. Assim:  $x_{MR}$ .

Instaura-se, então o elemento máscara, ou melhor dizendo, a troca de máscaras: “Tu és a minha máscara?” “Eu sou a tua máscara”<sup>11</sup> Dessa troca resulta a comutação no eu-narrador. O eu tanto pode ser Maria dos Remédios<sup>12</sup>. quanto Humberto<sup>13</sup>, quanto Aleixo<sup>14</sup>; o valor de x tanto faz ser escrito  $x_{MR}$ ,  $x_H$  ou  $x_A$ .

### 2.3 – as conseqüências da procura de x

Não havendo em **Bolor** ditados, citações ou metáforas que caracterizem os personagens<sup>15</sup> e existindo a comutação no eu-narrador, aparece no roman-

ce a interpenetração de discursos que vai acarretar a dimensão vertical do tempo e a ambigüidade dos enunciados.

### 2.3.1 – a fragmentação do tempo

As datas inscritas nada têm a ver com o que nelas se escreve, numa dimensão pessoal do tempo, que a circulação do ponto de vista torna fragmentar. Assim, o bloco narrativo caso extraconjugal de Maria dos Remédios é tomado por ela própria<sup>16</sup>, por ela própria com a pele de Humberto<sup>17</sup>, por Humberto<sup>18</sup> e por Aleixo<sup>19</sup> e encimado por datas inteiramente diferentes. O desprezo pelo tempo cronológico é tal que Humberto chega a escrever: “Basta dizer-te que as datas são falsas: ainda ontem escrevi nove de Abril, quando hoje são trinta de Janeiro”.

### 2.3.2 – a ambigüidade

Com a imprecisão do tempo, sua fragmentação e o comutar permanente dos eus e dos valores de x podemos dizer que a narrativa *Bolor* não está centrada na denotação, mas na conotação, instaurando novos significados e tornando-se, por isso, literariamente significante<sup>21</sup>.

## 3 – CONCLUSÃO

Não sendo o eu uma constante, e atentando-se para as variadas possibilidades de escrever x, pode-se concluir que é de impossível solução a equação eu-narrador. Assim sendo, *Bolor* se apresenta como uma narrativa de estrutura complexa, isto é, uma narrativa onde se encontra uma inversão assimétrica do ideológico, uma não-solução, seja pelo questionamento sobre a falta, seja pela fragmentação temporal ou pela ambigüidade dos enunciados.

## 4 – BIBLIOGRAFIA

### A – epígrafes

<sup>1</sup>ABELAIRA, Augusto. *Bolor*. Amadora, 2. ed., Bertrand, 1970. p. 132.

<sup>2</sup>Ibidem, p. 171

### B – notas bibliográficas

<sup>1</sup>BUTOR, Michel. L'usage des pronoms personnels dans le roman. In: \_\_\_\_\_ . *Répertoire II; études et conférences*. Paris, Ed. Minuit 1964 p. 61

<sup>2</sup>ABELAIRA, op. cit., p. 171

<sup>3</sup>Ibidem, p. 171

<sup>4</sup>Ibidem, p. 119

<sup>5</sup>Ibidem, p. 46

<sup>6</sup>Ibidem, p. 98

<sup>7</sup>Ibidem, p. 103

- <sup>8</sup>ibidem, p. 163
- <sup>9</sup>ibidem, p. 83
- <sup>10</sup>ibidem, p. 102
- <sup>11</sup>ibidem, p. 130
- <sup>12</sup>ibidem, p. 52
- <sup>13</sup>ibidem, p. 45
- <sup>14</sup>ibidem, p. 170
- <sup>15</sup>SARRAUTE, Nathalie. *L'ère de soupçon*. [Paris] Gallimard [s.d.] (Col. Idées, 42) p. 146
- <sup>16</sup>ABELAIRA, op. cit., p. 179
- <sup>17</sup>ibidem, p. 120
- <sup>18</sup>ibidem, p. 121
- <sup>19</sup>ibidem, p. 136-140
- <sup>20</sup>ibidem, p. 157-158
- <sup>21</sup>AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. A metacomunicação na linguagem de Clarice Lispector. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, 10:29-38, dez – 1970.

C – bibliografia

- <sup>1</sup>ABELAIRA, Augusto. *Bolor*. Amadora, 2. ed., Bertrand, 1970 195p.
- <sup>2</sup>AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. A metacomunicação na linguagem de Clarice Lispector. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, 10: 29-38, dez – 1970.
- <sup>3</sup>BADIOU, Alain. Autonomia do processo estético. In: COELHO, Eduardo Prado, ed.. *Estruturalismo*; antologia de textos teóricos. Trad. Maria Eduarda Reis Colares; Antônio Ramos Rosa; Eduardo Prado [s.l.] Portugalia [1968] 417p. (Col. Problemas, 24)
- <sup>4</sup>BOOTH, Wayne C. Distance et point de vue. *Poétique*, Paris, 4:511-524, 1970.
- <sup>5</sup>BUTOR, Michel. *Répertoire II*; études et conférences. Paris, Ed. Minuit [1964] 301p.
- <sup>6</sup>MOINEAU, J. — C. *Mathématique de l'esthétique*. Paris, Dunod, 1969. 161p.
- <sup>7</sup>RAIMOND, Michel. *La crise du roman*. Paris, Corti, 1966, 465p.
- <sup>8</sup>ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto*. São Paulo, Perspectiva, 1969. 266p. (Col. Debates, 7)
- <sup>9</sup>ROSSUM-GUYON, Françoise. Point de vue ou perspective narrative. *Poétique*, Paris, 4: 476-497, 1970.
- <sup>10</sup>SANT'ANNA, Affonso Romano. A narrativa de estrutura simples e de estrutura complexa. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, 4: 21-30, mai-1972.
- <sup>11</sup>SARRAUTE, Nathalie. *L'ère de soupçon*. Paris Gallimard [s.d.] (Col. Idées, 42) 184p.